

JULIANA SAYURI OGASSAWARA

O PAPEL DOS JORNALISTAS NO *LE MONDE DIPLOMATIQUE*

*EL PAPEL DE LOS PERIODISTAS EN LE MONDE
DIPLOMATIQUE*

*THE ROLE OF INTELLECTUALS IN LE MONDE
DIPLOMATIQUE*

Recebido em: 24 fev. 2016

Aceito em: 18 mar. 2016

Juliana Sayuri Ogassawara: Universidade de São Paulo (São Paulo-SP, Brasil)
Jornalista e doutora em História Social na FFLCH-USP. Desenvolveu estudo sobre *Le Monde Diplomatique* com apoio da CAPES. Tem experiência nas áreas de Jornalismo e História, com ênfase em História Contemporânea, História dos Intelectuais e História do Tempo Presente.
Contato: julianasayuri@gmail.com

ISSN (2236-8000)

RESUMO

Este artigo aborda as relações entre intelectuais e jornalistas a partir do caso do periódico francês Le Monde Diplomatique. Famoso por suas posições críticas às políticas imperialistas e neoliberais, o periódico dedica suas páginas a assuntos de interesse internacional, com textos assinados por intelectuais de diversos países. O presente artigo discute qual é o papel dos jornalistas segundo Le Monde Diplomatique.

PALAVRAS-CHAVES: Intelectuais; jornalistas; mídia; Le Monde Diplomatique

RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones entre intelectuales y periodistas a partir del caso del periódico francés Le Monde Diplomatique. Reconocido por sus posiciones críticas a las políticas imperialistas y neoliberales, el periódico dedica sus páginas a asuntos de interés internacional, con textos de autores intelectuales de diversas nacionalidades. Este artículo discute el papel de los periodistas según Le Monde Diplomatique.

PALABRAS-CHAVES: Intelectuales; periodistas; medios; Le Monde Diplomatique.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship among intellectuals and journalists in Le Monde Diplomatique. Famous by its critical positions towards neoliberal and imperialistic policies, the French periodical dedicates its pages to themes of international interest, publishing texts of intellectuals from many countries. This article discusses the role of journalist according to Le Monde Diplomatique.

KEYWORDS: Intellectuals; journalists; media; Le Monde Diplomatique.

Nas primeiras páginas do livro *Que é a literatura?*, Jean-Paul Sartre lança três questões: o que é escrever? Por que se escreve? Para quem se escreve? (SARTRE, 2004: 7). No livro, publicado pela primeira vez em 1948, o filósofo francês destrincha o que compreende como o dever do escritor “engajado”.

Interrogações filosóficas como essas compõem bons pontos de partida para pensar o papel da palavra, cristalizada nas laudas dos jornalistas ou nas letras dos intelectuais. As presentes páginas discutem as relações entre jornalistas e intelectuais – ou melhor, a inserção de intelectuais no campo jornalístico e a de jornalistas no campo intelectual – a partir do caso do periódico francês *Le Monde Diplomatique*.

Lançado como suplemento internacional do diário *Le Monde*, em maio de 1954, *Le Monde Diplomatique* trilhou trajetória singular ao conquistar independência editorial e financeira frente a *Le Monde* a partir da década de 1970. Nos anos 2000, a linha editorial, à esquerda no espectro político e extremamente crítica a diretrizes imperialistas e neoliberais, atraiu muitos leitores e alavancou um *boom* de edições internacionais do periódico francês – em novembro de 2006, eram 65 edições internacionais (34 impressas e 31 estritamente eletrônicas), veiculadas em 26 idiomas. O antigo subtítulo *Journal des Cercles Consulaires et Diplomatiques* da década de 1950 deu lugar a outro aposto: *Mensuel Critique d’Informations et d’Analyses*.

Le Monde Diplomatique dedica suas páginas a textos escritos por intelectuais de diferentes horizontes (geográficos, políticos, teóricos) e editados por jornalistas com titulações acadêmicas (doutores) e especializações (em certas áreas geográficas, como África, América Latina e Oriente Médio, por exemplo).

Voltando às perguntas lançadas por Sartre: o que é escrever? Por que se escreve? Para quem se escreve? O jornalista francês Claude Julien (1925-2005), diretor de *Le Monde Diplomatique* entre 1973 e 1990, responderia que:

No fim das contas, a escolha de quem escreve depende de seu temperamento mais do que de suas análises. E, muitas vezes, precede-os. Isso proporciona uma grande oportunidade de se indignar! Pois, se é assim, a reflexão não teria nenhum outro papel a não ser servir paixões obscuras disfarçadas por argumentos suficientemente elaborados para fornecer-lhes um essencial adorno de respeitabilidade? Mas, para afirmar o contrário, seria preciso avançar numa reivindicação insustentável: tudo, a cultura adquirida, a soma do conhecimento, o poder do discernimento, a habilidade de triar, pesar, medir, avaliar, a sutil combinação de inteligência e de sensibilidade, todos esses ingredientes que nutrem o pensamento e que contribuem para a escrita iriam funcionar com a precisão implacável de uma máquina, o rigor de uma ciência a excluir qualquer risco de erro, mas também, e sobretudo, ignorando toda ética – assim, a razão racional que seria a única garantia de toda a sabedoria, toda a verdade, toda a virtude. As escolhas de quem escreve são tanto mais complexas e mais simples. E muito limitadas as opções para ele. Fugindo das especulações e de todos os carreirismos, dedicado exclusivamente à sua arte, ele pode optar por se afastar do barulho e da fúria que muitas vezes perturba a

vista, borra a compreensão, paralisando o pensamento. Esse mundo acelerado, intoxicado por sua própria excitação, logo cedo condenou tal renúncia: querer assim se abstrair dos redemoinhos e das tempestades, diz-se, seria trair a solidariedade fraterna dos homens, abandonar à própria sorte trágica suas vítimas das crises que afligem o planeta, talvez empurrando-as mais profundamente nos seus dramas de fome, humilhação e sangue. Mas quantas inteligências e talentos – chefes de partidos ou de empresas, pensadores e escritores, engenheiros e humanistas, artistas e tecnocratas – loucamente envolvidos nos turbilhões da vida moderna prepararam, provocaram ou agravaram os dramas que depois lhes dão a matéria de tantas exortações ou lamentos? (JULIEN, 2014: 61)¹.

¹ Traduzido do original: “Au bout du compte, le choix de celui qui écrit dépend de son tempérament plus que de ses analyses. Et souvent les précédents. Voilà qui fournira une belle occasion de s’indigner ! Car, s’il en est ainsi, la réflexion n’aurait donc d’autre rôle que de servir d’obscuras passions en les habillant d’arguments suffisamment élaborés pour leur fournir une indispensable parure de respectabilité ? Mais, à affirmer le contraire, on avancerait une insoutenable prétention : tout, la culture acquise, la somme des connaissances, la faculté de discernement, l’aptitude à trier, peser, jauger, apprécier, la subtile combinaison de l’intelligence et de la sensibilité, tous ces ingrédients qui nourrissent la pensée et concourent à l’écriture fonctionneraient avec l’implacable précision d’une machine, la rigueur d’une science excluant tout risque d’erreur mais aussi et surtout ignorant toute éthique, bref la raison raisonnante qui serait l’unique garante de toute sagesse, de toute vérité, de toute vertu. Les choix de celui qui écrit sont à la fois plus complexes et plus simples. Et fort limités les options qui se présentent à lui. Fuyant tout affairisme et tout arrivisme, se consacrant exclusivement à son art, il peut choisir de se retirer loin du bruit et de la fureur qui trop souvent troublent la vue, brouillent l’entendement, paralysent la réflexion. Ce monde trépidant, grisé

Autor de *Le devoir d’irrespect* (1979), livro provocativo sobre o papel do jornalista e do intelectual, Julien defendia um jornalismo crítico, independente e irreverente ao poder. Segundo o autor, jornalistas e intelectuais deveriam revelar o que poder se esforça para esconder, expor contradições e imposturas. Deveriam ser críticos e, principalmente, marginais ao poder. Julien buscou imprimir tais ideias na linha editorial de *Le Monde Diplomatique*.

Desde 2008 diretor do *Monde Diplomatique*, o cientista político franco-tunísiano Serge Halimi também marcaria posições sobre o papel do jornal:

Para que serve um jornal? Para aprender e compreender. Para dar alguma coerência à colisão do mundo, onde outras informações se empilham. Para pensar tranquilamente seus combates, identificar e divulgar quem os leva. Para nunca ficar amarrado a um poder ao nome das referências que aparecem assim que suas ações lhes desmentem. Para recusar a prisão identitária de um “choque de civilizações” esquecendo que o legado do “Ocidente” é o saque do Summer Palace, a destruição ecológica, mas também o sindicalismo, a ecologia, o feminismo – a Guerra da Argélia e os “carregadores de malas”. E que o “Sul”, os países emergentes que desfizeram a ordem colonial, engloba forças religiosas medievais, oligarquias predatórias, e movimentos que os combatem – a gigante taiwanesa Foxconn e trabalhadores de Shenzhen. Para que serve um jornal? Em tempos de recuo e de resignação, para resgatar as trilhas das novas relações sociais, econômicas, ecológicas. Para combater as políticas de austeridade, para estimular ou repreender as sociedades democráticas sem fôlego nem seiva. [...] Talvez, um jornal possa, portanto, também lembrar que a imprensa nem sempre esteve ligada com os industriais e os marchands contra aqueles que pretendem salvar o planeta e mudar o mundo (HALIMI, 2012: 21)².

Tais posições, por si só, não bastam. Mas convidam a pensar, para além das ideias abstratas, o papel de facto dos jornalistas segundo *Le Monde Diplomatique*.

A palavra francesa *journaliste* une duas outras palavras, *jour* e *analyste*, marcando uma das primeiras definições da profissão datada do século XVIII: um analista do cotidiano, que se apropria das ferramentas

técnicas para a difusão da informação na sociedade. A palavra *intellectuel*, por sua vez, despontou durante o affaire Dreyfus, escândalo político na França de fins do século XIX: artistas, cientistas e letrados, como o escritor Émile Zola (1840-1902), se posicionaram publicamente contra a condenação injusta do oficial judeu Alfred Dreyfus (1859-1935). Assim, um intelectual não se definiria por uma profissão ou um título, mas pelas intervenções que faz na arena política em prol de valores universais, como a liberdade e a justiça (ORY, SIRINELLI, 2002). Historicamente, diferentes definições marcaram as discussões sobre os intelectuais, da mobilização revolucionária (SARTRE, 2004; GRAMSCI, 1979) ao dever da crítica (SAID, 2000), passando por suas relações com o poder (BOBBIO, 1997), o quesito da independência (ARON, 1980) e o pré-requisito da defesa de valores universais (BENDA, 1927). Todavia, a definição de intelectual pode ser variável, de acordo com a época e o contexto histórico, mas está alicerçada em *invariantes* (SIRINELLI, 1996).

Mas nem todo jornalista é *a priori* intelectual, se é preciso lembrar. E nem todo intelectual é jornalista. Mas há contextos em que as duas dimensões se cruzam, se encontram e às vezes se justapõem.

A expressão *jornalistas-intelectuais* se refere a jornalistas cujo prestígio não se restringe ao sucesso obtido no ofício jornalístico, içando-os a uma produção notável “extra-redação”, na literatura, nos movimentos sócio-políticos ou na universidade. De perfil híbrido, os jornalistas-intelectuais transitam em diversas arenas, entre a imprensa, o meio intelectual e o meio político (BOURDIEU, 1984). Segundo Pierre Bourdieu, a migração das instâncias tradicionais dos intelectuais (os partidos e a universidade, por exemplo) à imprensa transformou as relações dos intelectuais com o jornalismo.

Entretanto, em tempos dominados por mídias digitais a disseminar informações torrenciais e pequenas pílulas de notícias transformadas, criticadas e comentadas aleatoriamente em “posts” no Facebook, que espaço podem almejar atualmente os intelectuais e os jornalistas? Em tempos em que a relevância da palavra é auferida por “likes”, que influência teria um intelectual ou um jornalista?

Muitos intelectuais se posicionam criticamente diante da grande imprensa, suas linhas editoriais e seus interesses econômicos, buscando outros espaços para reverberar suas ideias. Na França, os intelectuais continuam se manifestando em *think tanks* e mídias alternativas, como *Le Monde Diplomatique*, embora sem a visibilidade de outros tempos (PEREIRA, 2008). Nas páginas de *Le Monde Diplomatique*, qual é a relação entre jornalistas e intelectuais?

OS INTELECTUAIS NO CAMPO JORNALÍSTICO

Do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), vale destacar a ideia de *campo* como primeiro horizonte dos conflitos político-culturais. Trata-se de um universo social diferenciado, articulado com sua própria lógica e suas relações internas. Ali os indivíduos estariam integrados numa estrutura em que são fundamentais as relações recíprocas e a sociabilidade, as questões de legitimidade e de capital cultural – o que permite abarcar diversas alternativas das trajetórias individuais de seus integrantes e de

de sa propre fébrilité, a tôt fait de condamner pareille retraite : vouloir ainsi s'abstraire des remous et des tempêtes, dit-on, serait trahir la fraternelle solidarité des hommes, abandonner à leur sort tragique les victimes des crises qui déchirent la planète, peut-être les enfoncer davantage dans leur drame de faim, d'humiliation et de sang. Mais combien d'intelligences et de talents – chefs de parti ou d'entreprise, penseurs et écrivains, ingénieurs et savants, artistes et technocrates –, follement engagés dans les tourbillons de la vie moderne, ont préparé, provoqué ou aggravé les drames qui leur fournissent ensuite matière à tant d'exhortations ou de lamentations?”.

² Traduzido do original: “A quoi peut servir un journal? A apprendre et à comprendre. A donner un peu de cohérence au fracas du monde là où d'autres empilent des informations. A penser posément ses combats, à identifier et faire connaître ceux qui les portent. A ne jamais rester solidaire d'un pouvoir au nom des références qu'il affiche sitôt que ses actions les démentent. A refuser le verrouillage identitaire d'un « choc des civilisations » oubliant que l'héritage de l'« Occident », c'est le sac du Palais d'été, la destruction de l'environnement, mais aussi le syndicalisme, l'écologie, le féminisme — la guerre d'Algérie et les « porteurs de valises ». Et

que le « Sud », les pays émergents qui défont l'ordre colonial, englobe des forces religieuses moyenâgeuses, des oligarchies prédatrices, et des mouvements qui les combattent — le géant taïwanais Foxconn et les ouvriers de Shenzhen. A quoi peut servir un journal? En des temps de reculs et de résignations, à défricher les sentiers de nouveaux rapports sociaux, économiques, écologiques. A combattre les politiques austéritaires, à aiguillonner ou à tancer des social-démocraties sans souffle et sans sève. [...]. Parfois, un journal peut donc aussi rappeler que la presse n'a pas toujours partie liée avec les industriels et les marchands contre ceux qui entendent sauver la planète et changer le monde”.

³ Traduzido do original: “A lo largo de estos cincuenta años transcurridos, innegable e irreversiblemente transcurridos, Le Monde diplomatique ha representado para mí el honor y el coraje de lo que fue, a través de una información objetiva y rigurosa, a menudo inhallable en otros lados, algo más que un modelo periodístico heredado del mejor pasado; simultáneamente, en el mismo movimiento, ha significado un llamado y una exhortación para el futuro”.

seus produtos culturais (BOURDIEU, 1996).

Bourdieu foi um dos intelectuais importantes entre os autores de *Le Monde Diplomatique*. A seu lado, um rol de autores famosos mundialmente e renomados em diversas áreas do conhecimento, mas principalmente das ciências humanas, tais como Antonio Negri, Armand Mattelart, Doris Lessing (1919-2013), Edward Said (1935-2003), Edgar Morin, Eduardo Galeano (1940-2015), Emir Sader, Eric Hobsbawm (1917-2012), Florestan Fernandes (1920-1995), Gabriel García Márquez (1927-2014), Gunter Grass, Herbert Marcuse (1898-1979), Herbert Schiller (1919-2000), Immanuel Wallerstein, Jacques Derrida (1930-2004), Jean Baudrillard (1929-2007), José Saramago (1922-2010), Joseph Stiglitz, Julio Cortázar (1914-1984), Jürgen Habermas, Kofi Annan, Loïc Wacquant, Manuel Castells, Mario Benedetti, Michael Davis, Michael Löwy, Michel Foucault (1926-1984), Noam Chomsky, Perry Anderson, Régis Debray, Robert Fisk, Slavoj Žižek, Stéphane Hessel (1917-2013), Tariq Ali, Thomas Piketty, Tony Judt (1948-2010), entre muitos outros.

O filósofo franco-argelino Jacques Derrida era um dos intelectuais mais próximos ao *Monde Diplomatique*. Em maio de 2004, no 50º aniversário do periódico, Derrida fez um discurso elogioso à gazeta francesa, que o autor considerava a “aventura” jornalística mais notável das últimas décadas. “Nos últimos 50 anos transcorridos, inegável e irreversivelmente transcorridos, *Le Monde Diplomatique* representou, para mim, a honra e a coragem do que foi, através de uma informação objetiva e rigorosa, frequentemente indetectável noutros lados, algo mais que um modelo jornalístico herdeiro do melhor passado; simultaneamente, no mesmo movimento, significou um convite e um estímulo para o futuro” (DERRIDA, novembro de 2004: 36)³.

Le Monde Diplomatique é escrito por intelectuais e editado por jornalistas especializados. A presença dos intelectuais neste campo jornalístico conferiu legitimidade e prestígio ao periódico (HARVEY, 2011; SAYURI, 2015). Assim, *Le Monde Diplomatique* se firmou como uma publicação híbrida, entre um jornal e uma *revue intellectuelle*, aproximando campos intelectuais, jornalísticos e militantes. Os artigos somam mais de dez mil caracteres, marcados por referências bibliográficas e eventualmente extensas notas, o que não é muito usual na grande imprensa, dando ares acadêmicos a *Le Monde Diplomatique*.

O flerte entre *Le Monde Diplomatique* e o campo universitário não é novo. Data da década de 1970, quando, ainda jovem e com poucos recursos financeiros para bancar correspondentes ou pautar jornalistas independentes fora da França, *Le Monde Diplomatique* procurou colaboradores universitários. A alternativa oferecia dois benefícios: primeiro, a rubrica de especialistas sobre determinada questão; segundo, a compreensão dos colaboradores (muitos bem remunerados nos seus *daily jobs* e acostumados a publicar gratuitamente seus artigos, principalmente nas revistas científicas) que aceitavam não receber ou receber valores simbólicos por suas contribuições (HARVEY, 2011: 17). E, para os intelectuais, o benefício é a oportunidade de difundir suas ideias, investigações e opiniões a um público mais amplo que as alas universitárias.

Na década de 1980, mais difundido e com mais capital no caixa, a gazeta pôde contratar oficialmente outros profissionais: o sociólogo

espanhol Ignacio Ramonet, antigo aluno de Roland Barthes (1915-1980) e doutor diplomado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em 1981, que dirigiria *Le Monde Diplomatique* entre 1990 e 2008; e o jornalista francês Bernard Cassen, um dos fundadores da *Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis* e posteriormente um dos idealizadores do Fórum Social Mundial de Porto Alegre.

À época, *Le Monde Diplomatique* adotou uma estrutura hierárquica mais flexível, similar a um departamento universitário. Foram pedidas especializações aos integrantes da equipe – assim, Serge Halimi se dedica especialmente à cobertura relacionada a política e cultura norte-americana; Renaud Lambert, a América Latina, Escócia, Inglaterra e Irlanda; Pierre Rimbert, a Europa; Martine Bulard, a questões econômicas e Ásia; Laurent Bonelli, a União Europeia; Benoît Bréville, a Canadá e Estados Unidos; Alain Gresh, a política e cultura islâmica e Oriente Médio; Anne-Cécile Robert, a questões de direito internacional, União Europeia e África. Noutros tempos presentes na redação, os veteranos Bernard Cassen e Ignacio Ramonet transitavam mais livremente no mapa-múndi, abordando questões relacionadas a Europa e América Latina, mas também ao destino de outros “destinos” mais distantes. Isso também garantiu mais legitimidade aos jornalistas para expressar suas próprias opiniões, incorporando autoridade às suas assinaturas (HARVEY, 2011). Os jornalistas de *Le Monde Diplomatique* não necessariamente contam com formações acadêmicas no campo do jornalismo, mas desempenham papéis de jornalistas, como produtores, editores e difusores de informação. Ao mesmo tempo, desempenham papéis de intelectuais, por suas intervenções nas discussões do tempo presente.

Na declarada tentativa de ultrapassar as narrativas efêmeras da mídia mainstream, *Le Monde Diplomatique* dialoga muito com a história, pela semelhança dos métodos: análises de conjuntura, apontamento dos interesses envolvidos, perspectiva dilatada, análises de causas, previsão de consequências, entre outros (VICENTE, 2009: 191). E a partir do momento em que *Le Monde Diplomatique* abre suas páginas a textos de intelectuais, o papel do jornalista é primordial. Acadêmicos, literatos, políticos, intelectuais de todo tipo podem esbanjar conhecimento profundo sobre os assuntos abordados, mas muitas vezes não dominam o *savoir faire* de edição jornalística para expressar esse conhecimento. Assim, é fundamental o papel do jornalista na edição dos textos, tornando-os mais palatáveis, inteligíveis e atraentes ao leitor “leigo”, que talvez não esteja familiarizado com o vocabulário refinado e as teorias sofisticadas de determinados autores. Muitas vezes, tais afazeres correspondem a traduzir textos mais herméticos.

Vale lembrar que o editor é responsável por organizar, revisar e supervisionar os originais de um autor, dando “filtro” e “feiçãoamento” ao texto e assim, *lato sensu*, o editor também é um autor (BRAGANÇA, 2005). Além disso, o editor pode pautar os intelectuais colaboradores, oferecendo-lhes uma questão-chave para inspirar um artigo ou um tópico controverso para aticar um posicionamento, por exemplo. Uma de suas funções também é filtrar as propostas de artigo dos intelectuais colaboradores, o joio do trigo. Assim, é mediante a edição jornalística que as ideias dos intelectuais são transmitidas ao leitor, de tal sorte que as abstrações, argumentações

⁴ Traduzido do original: “Au Monde Diplomatique, nous estimons que s’informer demeure une activité productive, impossible à réaliser sans effort et exigeant une véritable mobilisation intellectuelle. Une activité assez noble, en démocratie, pour que le citoyen consente à lui consacrer une part de son temps et de son attention. Si nos textes sont en général plus longs que ceux d’autres journaux et périodiques, c’est qu’il est souvent indispensable de rappeler les données fondamentales d’un problème, ses antécédents historiques, sa trame sociale et culturelle, son épaisseur économique, afin de mieux saisir toute la complexité. De plus en plus de lecteurs acceptent cette conception exigeante de l’information et sont sensibles à notre manière, sans doute imparfaite mais sobre, d’observer la marche du monde. (...) Un monde plus difficile à comprendre qui exige du journaliste humilité, doute méthodique, travail, enquêtes, imagination et qui demande naturellement au lecteur plus d’effort, plus d’attention. A ce prix, et à ce prix seulement, la presse écrite peut quitter les rivages confortables du simplisme dominant et retrouver tous ces lecteurs qui souhaitent comprendre pour pouvoir mieux agir en citoyens dans nos démocraties assoupies”.

filosóficas e balizas teóricas possam ser *lidas*, interpretadas e acolhidas ao mundo real.

Uma das críticas lançadas a *Le Monde Diplomatique* é seu estilo “intelectualizante”, devido aos textos muito longos e complexos – distantes, por exemplo, do léxico simples a esmiuçar ideias muitas vezes defendido na imprensa mainstream. Os jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* têm conhecimento de tais críticas, mas as rechaçam com a fórmula: informar-se cansa.

Autor de livros críticos à mídia apossada entre superinformação e desinformação, como *La tyrannie de la communication* (1999), Ignacio Ramonet argumenta que querer se informar sem esforço é uma ilusão, que remete mais a mitos publicitários que à mobilização cívica. Justifica:

No *Monde Diplomatique*, consideramos que o fato de se informar continua sendo uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço, pedindo uma verdadeira mobilização intelectual. Uma atividade bastante nobre, na democracia, para que o cidadão aceite dedicar parte de seu tempo e de sua atenção. Se nossos textos são mais longos que os de outros diários e periódicos, é porque frequentemente é indispensável recordar as informações fundamentais de um problema, seus antecedentes históricos, sua trama social e cultural, sua espessura econômica para apreender assim toda sua complexidade. Cada vez mais leitores aceitam essa concepção exigente da informação e se mostram sensíveis diante de nossa maneira, sem dúvida imperfeita, mas sóbria, de observar a marcha do mundo. [...] Um mundo mais difícil de compreender, que exige do jornalista humildade, dúvida metódica, trabalho, pesquisa, imaginação e que naturalmente pede ao leitor mais esforço, mais atenção. Só a esse preço a imprensa gráfica pode abandonar os confortáveis bancos do simplismo dominante e se encontrar com aqueles leitores que desejam compreender para poder atuar melhor como cidadãos em nossas democracias adormecidas (RAMONET, 1993: 28).⁴

Ramonet atrela, assim, o ofício jornalístico à dimensão cívica, como fator fundamental para a democracia. Logo, muito além das destrezas técnicas para editar textos, há outras questões sobre o papel do jornalista dentro de *Le Monde Diplomatique*, desta vez imerso no campo intelectual: qual é seu papel na sociedade?

OS JORNALISTAS NO CAMPO INTELECTUAL

Os jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* dialogam com muitos movimentos sociais, como o Observatoire Français e o Observatório Internacional de Mídias – e inclusive lideraram movimentos, como a Attac-France, que nasceu a partir de um editorial de Ignacio Ramonet publicado em dezembro de 1997. Na época, diante da iminência de uma crise financeira grave, o autor atribuía responsabilidade à mundialização do capital financeiro, orquestrado na tríade Banco Mundial, FMI e OCDE. O editor citou o economista americano James Tobin (1918-2002), Prêmio Nobel de 1981, no editorial, ao propor a instauração de uma taxa de 0,1% sobre as transações financeiras internacionais a fim de reduzir as

especulações no mercado financeiro – na estimativa de Ramonet, o tributo angariaria cerca de 166 bilhões de dólares anuais, o bastante para erradicar a pobreza extrema ainda no fim do século XX (RAMONET, 1997).

Aflorou, assim, a ideia da *Action pour une Taxe Tobin d'Aide aux Citoyens* (Attac), que logo se tornaria a *Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l'Action Cityoenne* (Attac), movimento-laboratório liderado por Ignacio Ramonet e Bernard Cassen contra a mundialização do capital neoliberal, que culminaria na realização do primeiro Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (2001). Na época, *Le Monde Diplomatique* ficou famoso como o jornal “não-oficial” do movimento altermundialista (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005).

O protagonismo de *Le Monde Diplomatique* na Attac-France e nos primeiros encontros do Fórum Social é um dos exemplos emblemáticos de momentos em que o periódico rompeu fronteiras de seu campo jornalístico, ocupando campos intelectuais e políticos. A crítica de *Le Monde Diplomatique* ao capitalismo neoliberal e à globalização inspirou movimentos e militantes que, não muito tempo depois, cristalizariam a máxima “outro mundo possível”.

Segundo Szczepanski-Huillery, *Le Monde Diplomatique* se reservou um status ambíguo no movimento, ao mesmo tempo *outsider* e *insider*. Por um lado, foi um dos principais precursores da nebulosa altermundialista na França. Por outro, preservou relativa distância ao não se definir definitivamente sob selos teóricos e ideológicos: “Nem marxista-leninista, nem *gauchiste*, o *mensuel* não é feito nem por nem para militantes, e nunca pôs seu nome, antes do nascimento da Attac, ao serviço de um grupo ou de um partido, apesar de suas simpatias expostas aqui e ali” (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005: 168).⁵

Entretanto, as estreitas relações entre a Attac-France e *Le Monde Diplomatique* não eram unanimemente aceitas na redação. Para muitos integrantes, o envolvimento poderia comprometer a independência do periódico. A situação se agravou diante das acusações de fraude nas eleições de 2005/2006 para a diretoria da Attac.

O economista Jacques Nikonoff presidia o movimento Attac-France e, ao lado do jornalista Bernard Cassen, defendia uma direção mais forte, para garantir um movimento mais independente vis-à-vis os sindicatos e outros movimentos sociais. Por outro lado, os três vice-presidentes, Susan George, Gustave Massiah e François Dufour, e instituidores e integrantes sindicalistas queriam manter a Attac-France como *carrefour* de ações de movimentos sócio-políticos (HOLZINGER, 2013: 266). Diante da acusação de fraude nas eleições, Nikonoff foi “linchado” midiaticamente, mas recebeu manifestações de solidariedade de Ramonet e Cassen – o que foi criticado dentro de *Le Monde Diplomatique*.

Feitos por correspondência, os votos para as eleições da Attac-France foram armazenados num domingo de maio de 2006 – e deveriam ter sido contados no mesmo dia, mas não foram. No domingo, predominava uma expectativa sobre o vencedor, mas, na terça-feira, a situação se inverteu totalmente, suscitando a suspeita de que as cédulas tinham sido falsificadas. Assim que as acusações foram feitas, Cassen sugeriu procurar a justiça, para prestar queixa e iniciar investigação, que se desenrolou a partir de 1o de dezembro de 2006. O juiz Benoit Giraud, do Tribunal de

⁵ Traduzido do original: “Ni marxiste-leniniste ni gauchiste, le mensuel n'est fait ni par ni pour des militants, et n'a jamais mis son nom, avant la naissance d' Attac, au service d'un groupe ou d'un parti, malgré quelques sympathies affichées ici ou là”.

Grande Instance de Bobigny, assim julgaria a questão no dia 13 de agosto de 2009: “Considerando que o contexto muito hostil e muito conflitual em que foram realizadas as eleições na primavera de 2006 e que as análises estatísticas não podem, por si só, estabelecer evidência de fraude eleitoral e ainda menos de indicar seus autores, a referida fraude é indubitavelmente provável, mas longe de ser provada”⁶.

Deste exemplo emerge uma das principais discussões entre os jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* sobre seus próprios papéis: o engajamento versus a independência intelectual.

O XIS DA QUESTÃO

De um lado, o engajamento. De outro, a independência intelectual. Este é o xis.

⁶ Traduzido do original: “Attendu que le contexte très brouillon et très conflictuel dans lequel se sont déroulées les élections du printemps 2006 et les analyses statistiques ne peuvent à eux seuls établir la preuve d'une fraude électorale et encore moins désigner les auteurs de celle-ci, que ladite fraude et sans doute probable, mais loin d'être certaine cependant”.

De um lado, *Le Monde Diplomatique* dialoga com diversos movimentos sociais e declara simpatias, às vezes aplausos e apoio, por determinados governos, especialmente na América Latina (SAYURI, 2015) – e o affaire Attac-France configurou uma das principais discussões sobre a independência do periódico. De outro lado, porém, *Le Monde Diplomatique* destila diversas críticas à mídia mainstream, por moldar suas práticas ao business, corrompendo a informação a partir de seus interesses econômicos e preferências políticas.

Os três diretores de *Le Monde Diplomatique* publicaram tais críticas inclusive em livros – Claude Julien e seu *Le devoir d'irrespect* (1979), Ignacio Ramonet e *La tyrannie de la communication* (1999), Serge Halimi e *Les nouveaux chiens de garde* (1997), prefaciado por Pierre Bourdieu.

O que compreendem como o papel do jornalista? Num mundo “ideal”, um profissional crítico, capaz de investigar independentemente o poder, de compreender e fazer compreender a realidade contemporânea. No mundo “real”, vale dizer, mal se sustentam as representações de jornalistas como paladinos da verdade, repórteres investigativos e correspondentes corajosos imbuídos de uma responsabilidade maior com as ideias de democracia, justiça e liberdade. Do mito ao mercado, o jornalismo romântico, que marcou os primórdios da imprensa, estaria morto (ADGHIRNI, 2005) – e a indústria da informação agora se nivela pelo simples equilíbrio entre oferta e demanda, como qualquer outro negócio. Na teoria, pois, *Le Monde Diplomatique* defende um jornalismo independente e crítico. Na prática, quão independente é *Le Monde Diplomatique*?

Cartas na mesa: é preciso ajudar ao leitor a distinguir o que é opinião e o que é informação. Uma questão ética, para diferenciar artigos opinativos e reportagens (BUCCI, 2000). O calcanhar de Aquiles de *Le Monde Diplomatique* neste contexto é a absoluta predominância de artigos opinativos, frente à tímida presença de reportagens. Os jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* mui raramente vão a campo para apurar informações e versões, concentrando suas energias na edição dos artigos. Altamente editorializado, *Le Monde Diplomatique* dispensa fait divers e notícias “quentes”, privilegiando propositalmente análises, a fim de cumprir a premissa de sua linha editorial: informar-se cansa.

É tênue a linha, entre a crítica e as inclinações a ativismos, militanismos e partidarismos. Historicamente, *Le Monde Diplomatique*

cristalizou críticas, por exemplo, ao capitalismo neoliberal, à globalização e ao imperialismo norte-americano. Há muito simpatiza com a América Latina, principalmente após a ascensão de políticos, líderes e movimentos marcadamente identificados com posições antineoliberais, ancorados em tradições socialistas e socialdemocratas, à esquerda ou centro-esquerda no espectro político nos anos 2000 (AGUIRRE, 2009) – mas é possível afirmar que *Le Monde Diplomatique* poupa críticas a líderes latino-americanos, como Fidel Castro e Hugo Chávez, minimizando, inclusive, acusações de violações de direitos humanos em Cuba e Venezuela. Um intelectual, afinal, é um idealista ou um pensador amarrado ao pragmatismo político? Um jornalista é um crítico ou um porta-voz do poder, se por acaso o príncipe lhe agradar?

É imprecisa a relação dos jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* com a ideia de engajamento e envolvimento político. Muitos defendem o papel da revista como uma tribuna livre ou uma instituição independente, apesar de simpatizante das revoluções e dos movimentos progressistas, distante da militância partidária ou do estilo político panfletário. Para tal ala, *Le Monde Diplomatique* teria corrompido seu papel e perderia sua *raison d'être* se resvasse na política partidária ou no panfleto, preferindo certo distanciamento dos governos, como observadores da realidade (SAYURI, 2016). Outros defendem um compromisso mais forte, mais posicionado de um lado da trincheira na batalha de ideias – e, neste lado, vale lembrar uma das definições de Ignacio Ramonet: “*Le Monde Diplomatique* é mais que um jornal, é uma causa... A causa da justiça, da paz, dos povos que procuram sair de sua dependência” (RAMONET apud SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005: 163).⁷

Volto ao *xis*: o engajamento de *Le Monde Diplomatique* com as ideias de democracia, justiça e liberdade, justifica comprometer sua independência?

Edward Said, um dos intelectuais mais valorizados por *Le Monde Diplomatique*, dizia que o papel dos intelectuais não poderia se enquadrar num slogan, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma político (2000:15). Said dizia: trata-se da forma como se pretende entrar na história, de braços abertos ou punhos fechados (2013, p. 14). Talvez este seja o dilema dos jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* frente à história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto campo intelectual, além do núcleo duro presente na redação francesa, ao redor de *Le Monde Diplomatique* orbitam diversos satélites independentes, como políticos, militantes, jornalistas, ativistas, acadêmicos – nessas constelações, certas estrelas intelectuais independentes, como Edward Said, Jacques Derrida e Pierre Bourdieu, entre outros. Endereçando suas críticas sobretudo ao imperialismo e ao capitalismo neoliberal, *Le Monde Diplomatique* molda um espaço privilegiado para discussões sobre o papel dos jornalistas e do jornalismo em tempos tão turbulentos como os atuais, marcados por mídias assaz ágeis a alastrar superinformação e, ao mesmo tempo, desinformação à sociedade.

Le Monde Diplomatique se propõe a refletir sobre a realidade. É escrito por intelectuais e editado por jornalistas especializados. No cruzamento dos dois universos, os intelectuais transitam no campo jornalístico – e

⁷ Traduzido do original: “Le Monde Diplomatique n'est pas qu'un journal, c'est une cause... La cause de la justice, de la paix, des peuples qui cherchent à sortir de leur dépendance”.

os jornalistas se inserem no campo intelectual. Na teoria, os jornalistas-intelectuais de *Le Monde Diplomatique* compreendem como seu papel o dever da crítica, alicerçada em valores universais, como a justiça e a liberdade, resgatando as premissas dos primeiros intelectuais do *affaire Dreyfus*. Na prática, porém, diversos conflitos internos inquietam tais jornalistas-intelectuais principalmente sobre os limites do engajamento e do envolvimento político, clivando-os entre os que defendem a independência antes de tudo e os que advogam um compromisso maior com a política. Apesar de certo idealismo sobre a importância do jornalismo e as funções ilustres dos jornalistas nas sociedades democráticas, *Le Monde Diplomatique* também é alvo de críticas e palco de conflitos, disputas, discussões. E, se é preciso dizer, não vivemos no mundo das ideias puras: vivemos no universo político, farto de conflitos de toda sorte – e apetites vorazes de poder.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zelia Leal. “O jornalista: do mito ao mercado”. Estudos em Jornalismo e Mídia, UFSC, Florianópolis v. 2, n. 1, jan./jun. 2005, p. 44-57.

AGUIRRE, Carlos (Org.). Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009.

ARON, Raymond. O ópio dos intelectuais. Brasília: Editora UnB, 1980. Traduzido por Yvonne Jean.

BENDA, Julien. A traição dos intelectuais. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007. Traduzido por Paulo Neves.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora Unesp, 1997. Traduzido por Marco Aurélio Nogueira.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Maria Lucia Machado.

_____. Homo academicus. Paris: Éditions de Minuit, 1984.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor. Em *Questão*, UFRGS, Porto Alegre, v. 11, n. 2, jul./dez. 2005, p. 219-237.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Tradução de Carlos Nelson Coutinho.

HALIMI, Serge. “On n’a plus le temps...”, *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2012, p. 1 e 21.

HARVEY, Nicolas. Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme. Rennes: Université de Rennes I, 2011. Tese de doutorado em ciência política.

HOLZINGER, Flavie. Le Monde Diplomatique d'Ignacio Ramonet de 1991 à 2008: analyse géopolitique des représentations. Paris: Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis, 2014. Tese de doutorado em geopolítica.

JULIEN, Claude. A quoi servent ceux qui écrivent? Manière de Voir, Paris, n. 137, outubro/novembro de 2014, p. 61-63.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours. Paris: Éditions Perrin, 2002.

PEREIRA, Fábio Henrique. Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Tese de doutorado em comunicação.

RAMONET, Ignacio. Désarmer les marchés. Le Monde Diplomatique, Paris, dezembro de 1997, p. 1.

_____. S'informer fatigue. Le Monde Diplomatique, Paris, outubro de 1993, p. 28.

SAID, Edward. Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993. Lisboa: Edições Colibri, 2000. Traduzido por Teresa Seruya.

_____. A pena e a espada. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SAYURI, Juliana O. Intelectuais no Le Monde Diplomatique: relações entre França e Argentina (1999-2011). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Tese de doutorado em história social.

_____. Le Monde Diplomatique Brasil: por uma história possível. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. Dissertação de mestrado em história social.

_____. O papel dos intelectuais no Le Monde Diplomatique. Temporalidades, UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, set./dez. 2015, p. 106-130.

SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? 3a edição. São Paulo: Ática, 2004. Traduzido por Carlos Felipe Moisés.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. RÉMOND, René (Org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 231-269. Traduzido por Dora Rocha.

SZCZEPANSKI-HUILLERY, Maxime. Les architectes de l'altermondialisme, registres d'action et modalités d'engagement au Monde Diplomatique. In: AGRIKOLIANSKY, Eric ; FILLIEULE, Olivier ; MAYER, Nonna (Orgs.). L'altermondialisme en France: la longue histoire d'une nouvelle cause. Paris: Flammarion, 2005, p. 143-173.

VICENTE, Maximiliano Martin. História e comunicação na ordem internacional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.